



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 11, número 1, jan.-abr. 2022

## OSWALD DE ANDRADE PARA ALÉM DOS ANOS 20: DO MANIFESTO DA POESIA PAU-BRASIL À MARCHA DAS UTOPIAS



## OSWALD DE ANDRADE BEYOND THE 1920S: FROM THE PAU-BRASIL POETRY MANIFESTO TO THE MARCH OF UTOPIAS

Alice Emanuelle MELO

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

José INÁCIO JÚNIOR

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

Leila Maria TABOSA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

Walkderson Pereira SILVA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 30/10/2021 • APROVADO EM 21/04/2022

---

## Resumo

---

Este artigo propõe uma análise sobre a relação de Oswald de Andrade com o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e seus desdobramentos: o *Manifesto Antropófago*, o *Tropicalismo* e a *Marcha das Utopias*. Conhecendo a importância do *Manifesto Pau-Brasil*, responsável por parte da criação de um sentimento de identidade brasileira, fez-se necessário compreender no que mais o Movimento influenciou na história e na cultura brasileira. O artigo se inicia com uma contextualização dos anos 20 no mundo e no Brasil, em seguida vê-se um resumo da *Semana de Arte Moderna* e da estética Pau-Brasil. Depois apresenta-se um pouco da relação de Oswald com seu Manifesto e por último a influência do Pau-Brasil no *Manifesto Antropófago*, o *Tropicalismo* e a *Marcha das Utopias*. Pode-se concluir que os quatro Movimentos foram cruciais na criação de uma cultura autenticamente brasileira que está presente no país até hoje, a qual era o objetivo de Oswald de Andrade ao criar ambos os Manifestos. A pesquisa é do tipo qualitativa, sendo um estudo de caso. Fontes como Cunha (2012), Santos; Souza (2007), Nunes (1972), Veloso (1942) podem ser vistas neste artigo.

---

## Abstract

---

This article proposes an analysis of Oswald de Andrade's relationship with the *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* and its developments: the *Manifesto Antropófago*, *Tropicalismo* and the *Marcha das Utopias*. Knowing the importance of the *Manifesto Pau-Brasil*, responsible for part of the creation of a feeling of Brazilian identity, it became necessary to understand what else the Movement influenced in Brazilian history and culture. The article begins with a contextualization of the 1920s in the world and in Brazil, followed by a summary of the *Semana de Arte Moderna* and the Pau-Brasil aesthetic. After that, Oswald's relation with his Manifesto is presented, and finally the influence of Pau-Brasil on the *Manifesto Antropófago*, *Tropicalismo* and the *Marcha das Utopias*. It can be concluded that the four Movements were crucial in the creation of an authentically Brazilian culture that is present in the country until today, which was Oswald de Andrade's objective when he created both Manifestos. The research is of the qualitative type, being a case study. Sources such as Cunha (2012), Santos; Souza (2007), Nunes (1972), Veloso (1942) can be seen in this paper.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Modernismo e Semana de Arte Moderna. Oswald de Andrade e Pau-Brasil. Antropofagia e Tropicalismo. Marcha das utopias.

**Keywords:** Modernism and Modern Art Week. Oswald de Andrade and Pau-Brasil. Anthropophagy and Tropicalism. March of Utopias.

---

## Texto integral

---

### Introdução

Oswald de Andrade era de fato um *homem de letras* (CUNHA, 2012, p. 24), fazendo parte, inclusive, da Sociedade dos Homens de Letras no Rio de Janeiro. Além disso, trabalhou em jornais, teatros, publicando livros, poesias e peças de

teatro. Oswald encontrava-se constantemente com outros intelectuais da época, além de viajar bastante para a Europa, dessa forma, se atualizava sempre sobre as tendências poéticas e artísticas da época. O artista almejava criar uma arte revolucionária e autenticamente brasileira e para isso criou dois Movimentos: o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e o *Manifesto Antropófago*.

Esses dois Movimentos estavam incorporados a um Movimento maior, o Modernismo brasileiro. Ser moderno para os artistas modernistas significava: rompimento com as tradições anteriores; crítica ao academicismo e ao parnasianismo; busca de uma renovação na linguagem; promoção de uma arte livre e inovadora. Dessa forma, os modernistas tinham o propósito de revolucionar a arte brasileira, através da pintura, da literatura, entre outras formas de manifestação artística.

O *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* foi um ato importante para que se pudesse ascender um sentimento nacionalista genuíno no povo brasileiro. Apesar da independência de Portugal ter ocorrido em 1822, pouco se encontrava de orgulho, paixão pelos costumes, pelas tradições brasileiras. Tal Manifesto foi de fato inovador, atribuindo importância ao povo simples, através da valorização de sua língua e sua cultura. Nunca se havia visto uma poesia escrita com linguagem popular. Algo inédito e revolucionário, visto que até hoje se encontra defensores ferrenhos da gramática normativa.

O *Manifesto Antropófago* derivou-se do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e disseminava a ideia de *devorar* conceitos, técnicas, culturas, artes estrangeiras e transformá-las aos moldes brasileiros, exportando-as para fora. Este Movimento revolucionou a música no país inspirando o Tropicalismo que mesclava manifestações culturais brasileiras com inovações estrangeiras, décadas depois.

Nesse trabalho busca-se mostrar a relação de Oswald de Andrade com seu *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e os seus desdobramentos, como o *Manifesto Antropófago*, o Movimento Tropicalista e a *Marcha das Utopias*. Tais manifestações representam uma grande revolução artística brasileira que influencia até hoje o Brasil contemporâneo, demonstrando sua importância histórico-cultural e sua necessidade de discussão. Inicialmente neste artigo encontra-se uma contextualização dos anos 20 no mundo e no Brasil que influenciaram o Movimento Modernista e a *Semana de Arte Moderna* de 1922. Em seguida discute-se a estética do *Manifesto da Poesia Pau – Brasil* e sua relação com seu autor Oswald de Andrade. Ao fim, mostra-se no que se desdobrou tal Manifesto, originando o *Manifesto Antropófago* logo em seguida, posteriormente o Tropicalismo e a *Marcha das Utopias*. A pesquisa é do tipo qualitativa, sendo um estudo de caso. Foram utilizadas fontes importantes para esse trabalho, como Cunha (2012), Santos; Souza (2007), Nunes (1972), Veloso (1942), entre outras.

### **Os loucos anos 20**

A década de 1920, popularmente conhecida como “os loucos anos 20”, foi marcada por uma efervescência artística ao redor do mundo. O título de potência econômica da época pertencia aos Estados Unidos, enriquecido com a Primeira Guerra Mundial, que só seria retirado do posto em 1929 com a queda da bolsa de Nova York. Diversas formas de manifestações artísticas tornando-se consagradas,

como o cinema mudo com as comédias de Charles Chaplin e Clara Bow, a música através da ascensão do Jazz e as artes plásticas e as esculturas com o surgimento das vanguardas europeias (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2020).

Responsáveis por influenciar grande parte do mundo, essas tendências artísticas: Expressionismo, Futurismo, Dadaísmo, Cubismo e Surrealismo revolucionaram a história da arte, ressignificando-a, trazendo novos conceitos, materiais e novas técnicas. Tais vanguardas interviram artisticamente no Brasil dos anos de 1920 acarretando em um novo Movimento que influencia a arte brasileira até hoje: o Modernismo, como mostram Santos e Souza (2007, p. 798): “Não podemos esquecer que a maior parte das ideias de Oswald de Andrade, provém de uma mistura de futurismo, dadaísmo e *espiritonovismo* [...] Mário de Andrade e Manuel Bandeira também foram tocados pelas vanguardas [...]”.

O Brasil estava no fim de uma monocultura cafeeira, com crises relacionadas à República Velha, com um urbano avançado estruturalmente, eletrificado, e um interior atrasado, com patriarcalismo rural povoado por cidadãos iletrados. A elite absorvia sempre as novidades oriundas da Europa, já que muitos passavam um tempo morando por lá, como a Anita Malfatti, peça crucial para o estopim do Movimento Modernista, conforme o documentário em homenagem aos 80 anos da *Semana de Arte Moderna*, da TV Cultura (2002).

### A Semana de Arte Moderna

A *Exposição de Pintura Moderna Anita Malfatti* reuniu várias obras influenciadas pelas vanguardas europeias, desagradando acadêmicos, como Monteiro Lobato que publicou um artigo chamado *Paranoia ou mistificação?*, criticando severamente as pinturas da artista. Apesar disso, outros intelectuais da época como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Victor Brecheret, Graça Aranha, Di Cavalcanti, inconformados com o rumo artístico do Brasil naquela época, se inspiraram na exposição de Anita para criar uma manifestação artística-cultural que é a *Semana de Arte Moderna*, em 1922 (SANTOS; SOUZA, 2007, p. 794).

Vaias, gritos, linchamentos. A plateia que assistia à *Semana de Arte Moderna* de 1922 tinha para si a estética parnasiana como modelo, esta com arcaísmos, estratificada, presa, oposto do Modernismo, que promovia uma arte livre, revolucionária, brasileira. Segundo Santos e Souza (2007, p. 794): “as manifestações causaram impacto e foram muito mal recebidas pela plateia formada pela elite paulista, o que na verdade contribuiu para abrir o debate e a difusão das novas ideias em âmbito nacional”. Com declamações de poemas, explanação de pinturas, apresentações de música e dança foi marcado o início do Movimento Modernista no Brasil, entre os dias 13 e 17 de fevereiro no Teatro Municipal de São Paulo.

Apesar das críticas, a exposição da Semana de 1922 seguiu-se com o surgimento de vários movimentos artísticos nos anos seguintes. Em 18 de março de 1924 no jornal *Correio da Manhã* Oswald de Andrade publica o *Manifesto da Poesia Pau - Brasil*. Tal termo no título reflete o desejo do autor de ver seu país se tornar um exportador de poesias, da arte de forma geral, assim como o país fazia com a árvore de madeira vermelha em tempos mais longínquos. Não mais apenas

copiando as tendências europeias, mas trazendo contribuições, inovações para a arte mundial.

### **Manifesto da Poesia Pau-Brasil**

O povo brasileiro, comum, sendo maioria, até então negligenciado pela maior parte da elite, ganha certa valorização através de Oswald e os apreciadores do Manifesto, assim como sua cultura e suas tradições. O Carnaval foi pela primeira vez visto como algo digno de ser reconhecido como símbolo cultural brasileiro, digno de ser agraciado e exposto com orgulho para os estrangeiros. A comida do país, sua vegetação, suas riquezas naturais, suas raças, suas histórias são agraciadas no Manifesto, conforme Andrade (1924, p. 1): “[...] O carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça [...]. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança”. A língua do povo, que também faz parte da cultura, é vista como algo livre. Há o reconhecimento das variações linguísticas, não há uma única norma. Existe uma busca por uma linguagem sem rebuscamentos, uma língua cotidiana. Segundo Andrade (1924, p. 1): “a língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os nossos erros. Como falamos. Como somos”. Contra todas as regras dos movimentos anteriores, como o Parnasianismo, o Romantismo, o Naturalismo, a favor de uma liberdade artística, a favor de uma inovação.

O uso do humor, da ironia e da paródia, dos versos livres, que possuem essa relação com a renovação da poesia, não se manifestam como ideais do Manifesto, porém são usados por Oswald em seus poemas correspondentes a esse Movimento. Tal movimento que é nacionalista, mas que não põe o seu país como superior aos demais, mas que mostra tudo de bom que tem no Brasil, evidenciando que os brasileiros devem se valorizar e se inspirar em seu território para poderem exportar suas tendências artísticas ao mundo. De acordo com Cunha (2012, p. 44), “os temas valorizados ou que deveriam fazer parte da “nova” criação poética, dita de “exportação”, seriam aqueles alocados no cotidiano da vida”.

Em 1925, Oswald publica *Pau-Brasil*, um livro que abarca um conjunto de poesias trazendo os ideais nacionalistas de seu Manifesto de mesmo nome. Assim como o próprio Modernismo, tal Manifesto recebeu inúmeras críticas, principalmente no que diz respeito à linguagem utilizada por Oswald nos poemas e suas próprias estruturas. Versos sem metrificação, sem rima, com vocabulário coloquial, com ironia, com tom humorístico, foram vistos como muito radicais para a época. Recebeu críticas até de Manuel Bandeira, mas também recebeu o apoio de Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Benedito Nunes, entre outros intelectuais (CUNHA, 2012, 45-47).

### **Oswald de Andrade**

O paulista José Oswald de Andrade nasceu no dia 11 de janeiro de 1890. Filho único de José Oswald de Nogueira de Andrade e Inês Henriqueta Inglês de Sousa de Andrade, uma tradicional família paulistana, donos de terras por toda a São Paulo. Oswald de Andrade, como ficou conhecido, formou-se em direito na conceituada faculdade do Largo de São Francisco, hoje conhecida como Faculdade

de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP), trabalhou na sua juventude como crítico literário e teatral em vários jornais de São Paulo, logo mais no ano de 1911 funda seu próprio periódico chamado “O Pirralho”; porém, Oswald recebe sua fama devido ao seu talento como poeta, dramaturgo e ensaísta que trouxera um novo ponto de vista sobre a arte nacional.

Em 1912, viajando por Paris, onde engata um relacionamento que geraria seu primeiro filho, Oswald entra em contato com o futurismo, estética que fortaleceria seus ideais e seu constante senso provocativo. Oswald, após retornar ao Brasil em 1917, começa a divulgar os conhecimentos acerca do futurismo em sua revista, o que mexe muito com a classe artística de São Paulo que frequentava recorrentemente seu apartamento. Após o fechamento da sua revista “O Pirralho” o autor se posiciona contra as críticas conservadoras de Monteiro Lobato direcionadas à exposição de Anita Malfatti, reconhecendo a consciência artística inovadora que a pintora trazia dos seus estudos na Europa. Imediatamente, com a vontade rejuvenescedora de mudar a arte brasileira, o ensaísta paulista e outros famosos artistas da época como Mário de Andrade, Tarsila do Amaral se reuniram para o que seria o marco inaugural do Modernismo no Brasil, a Semana de Arte Moderna.

O evento que mudará a arte no Brasil ocorreu de 22 de fevereiro de 1922, trazendo ideias tomadas de liberdade, uma iconoclastia aos temas do tradicionalismo, porém não uma rejeição aos seus símbolos, onde mais tarde, Oswald, tomaria para si em seus manifestos, unindo no mais novo sentimento nacional como cita Valle (2017, p. 324):

Nesses manifestos percebe-se o furor de uma vontade de escrever a história a contrapelo, de resgatar os signos e os significados extraídos da investigação das crônicas em sua ambivalência derivada dos conflitos e dos encontros nos quais sua escrita estava envolvida, restituindo à parte vencida – e obliterada na visão legada pelo vencedor – sua posição de sujeito, seu olhar sobre si mesmo.

Assim podemos notar que o espírito inquieto, sua criação, formação e suas jornadas pessoais foram determinantes para que Oswald de Andrade inicia-se a construção de um dos momentos mais autoconscientes da arte Brasileira, um alicerce firme que sustentaria o que viria no decorrer dos anos, um momento que alteraria permanentemente o paradigma de como se observa a cultura no Brasil.

### **Oswald e o Manifesto da Poesia Pau-Brasil**

Observando o andar da Arte pelo mundo na década de 20, podemos traçar um ponto de vista, que para alguns tende a ser polêmica, sobre a dinâmica do primitivismo que Oswald estabeleceu em seu *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*. Buscando uma ruptura com as estruturas do passado, o primitivismo buscava abordar uma estrutura sentimental simples, instintiva, que foi tomada pelos Cubistas quando utilizavam de elementos de povo da África e Oceania em suas obras, entretanto Oswald não teria se agrado tanto com as escolhas que o

movimento cubista teve, mas sim tomado maior apreço com os expressionistas, dadaístas e surrealistas como afirma Andrade (1972, s./p.) em:

Ao contrário, o primitivismo dos pintores e poetas expressionistas, dadaístas e surrealistas consistiu na expressão interior dominante, fosse através da emoção intensa, do sentimento espontâneo, fosse através da provocação do inconsciente, que deriva para o automatismo psíquico e a catarse.

Com esse olhar mais introspectivo, Oswald direciona seu objetivo de encontrar uma origem metafísica dos sentimentos que a arte carrega, e com o séc. XX olhado de forma diferente para etnias antes segregadas esse processo começa a se encaminhar para os elementos que mais tarde seriam cristalizados nos manifestos *Pau-Brasil e Antropófago*.

Para Oswald de Andrade nada representa mais um produto brasileiro de exportação do que o Pau-Brasil, e com esse pensamento dita-se o principal ideal desse manifesto. Produzir uma arte originalmente brasileira que, nunca antes vista, carregaria a poesia tupiniquim como uma vanguarda pelo mundo afora. Oswald afirma no manifesto que a poesia existe nos fatos, nos elementos que constituem a identidade brasileira, algo formado pela união dos povos que conviveram de forma conflituosa no Brasil, mas que aprenderam a viver juntos e formar o país. Um exemplo da profundidade psicológica que ele buscava no primitivismo. Rejeitando a linguagem mais formal ou qualquer erudição anteriormente usada pelos parnasianos acadêmicos, o texto traz a exaltação da cultura popular e das produções mais marginais que se faziam presente nas periferias e redutos mais populares perante obras internacionais ditas clássicas. O autor afirma que o manifesto é o movimento de reconstrução geral, uma nova perspectiva, uma nova escala, uma estratégia contra o assunto “invasor” que definira a imagem do brasileiro do início do século XX.

Para Andrade (1972) esse seria o momento de conciliação entre a cultura nativa e a cultura intelectual renovada, uma troca justa e sincera dos mundos que contemplam o Brasil, o melhor do melhor das diversas culturas fundamentais da formação do país. Há de se evidenciar os resultados de uma obra tão forte para o Brasil. Seguindo os moldes de exaltação nacional, outros movimentos surgiram, movimentos esses que apresentavam ponto de vista muito mais enfático a uma representação nacional como Verde-Amarelismo de Plínio Salgado.

## **Oswald, os manifestos e os anos 20**

Falar da literatura modernista nos anos 20 é colocar na ponta da discussão uma correlata relação para com um turbilhão de fatos e mudanças que instauraram no ínterim desse momento uma verdadeira população de acontecimentos. Tal população aflorou depois de uma guerra atroz, que devastou a Europa e elevou os Estados Unidos a um nível de potência maior em contrapartida com seus rivais (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2020). Os chamados “loucos anos 20” e sua fervilhante história, nos entremeios da guerra, da falência, da arte e da dança, despontaram em uma era de liberdade cultural e de costumes. Uma década em que se pôde perceber na prática uma evolução nas lutas e conquistas dos direitos

iguais (em especial para com as mulheres), uma década em que a atenção para questões climáticas se sobrepujaram-se nas pautas governamentais e em seus tratos com os líderes políticos ao redor do mundo, uma década em que a busca pela paz e a união dos povos se manifestou através de tratados e convenções como a precursora da Organização das Nações Unidas (ONU), a Assembleia Geral da Liga das Nações, uma década em que o próprio desenrolar de uma revolução industrial e tecnológica moldaram as concepções de classes e suas respectivas sociabilidades, corroborando em instância unânime o pensar certo de que realmente os anos 1920 foram de fato, LOUCOS (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2020).

No Brasil, a década de 20 trouxe em seu conjunto histórico (semelhante a outras nações com características econômicas, sociais e culturais parecidas), um agravamento das crises da República Velha, bem como no monopólio dos domínios oligárquicos das regiões de São Paulo e Minas Gerais. O país, imerso nos colapsos das estruturas econômicas, sociais, ideológicas e culturais, colidia em suas potentes e complexas redes de problemas, uma política cada vez mais definhada e indubitavelmente insatisfatória para com o povo. Entre os processos revolucionários e os acontecimentos envoltos numa busca por ascensão popular, o empresariado industrial (seguindo as marcas modernas das outras nações neste período) ganhou forma e começou a defender seus interesses por autonomia e consequente descentralização para com o Estado - mesmo tendo seu início exatamente a partir dele (SANTOS, 1999). No contexto dessa explosão histórica, social e cultural, emerge na literatura, uma estética voltada exatamente para a necessidade de tal época. O Modernismo surge nesse momento, alinhando suas formas, concepções e noções com as transformações, modernizações e revoluções próprias. É seguindo às vanguardas europeias, que a Semana de Artes Modernas em 1922 marca o início desta estética e pauta os passos seguintes da arte literária, arquitetônica e plástica de acordo com as nossas especificidades e particularidades.

Foi no contexto dessa “fase heroica” (BOSI, 1994, p. 345), como é denominada a primeira parte do Modernismo Brasileiro, que o *Movimento da Poesia Pau-Brasil* despontou nos seus primeiros passos. O movimento que teve como ponto de partida o lançamento do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* em 1924 por Oswald de Andrade, em seu construto trabalhava questões de ordem nativista e em que defendia a poesia brasileira de exportação, assim como o primeiro produto brasileiro a ser exportado, o Pau-Brasil. Benedito Nunes na obra *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*, corrobora ao dizer: “O Manifesto Pau-Brasil inaugurou o primitivismo nativo [...]” (ANDRADE, 1978, p. 14). O texto seguinte da obra traz numa perspectiva para com a poética Pau-Brasil, um entendimento de que o conceito polêmico sobre tal primitivismo a partir do manifesto “Representou por isso a tendência para buscar os elementos originários da arte nos sentimentos ou na descarga das emoções” (ANDRADE, 1978, p. 18). É justamente esse tipo de primitivismo nativo que Oswald de Andrade buscava incutir na poesia modernista brasileira em questão. Sendo um dos textos mais importantes do escritor, o manifesto adentrava nos caminhos do passado para atribuir uma valoração para com o patriotismo plantado no orgulho de cada nacionalista que aqui existia. De fato, “A perspectiva definida pelo Manifesto — sentimental, intelectual, irônica e ingênua ao mesmo tempo — é um modo de sentir e conceber a realidade,

depurando e simplificando os fatos da cultura brasileira sobre que incide” (ANDRADE, 1978, p. 20).

A literatura que emerge de uma sociedade mergulhada no caos político/social e econômico/cultural dos anos 20 funda-se nos entremeios da inteligência, do sarcasmo e do doce ar da esperta ingenuidade para tratar do que chamamos mais acima de uma população de acontecimentos, isto é, de um trato para com o novo, o moderno e o que estava irrompendo na superfície da atualidade dos “loucos anos 20”. Consequentemente, uma obra tão importante, a ponto de cem anos depois estar em foco nos estudos acadêmicos e sociais, desdobrou-se em muitos fatos e marcações sócio-históricas em seu tempo. É justamente aí que o singelo olhar deste artigo se volta. Depois dos arremates acerca da estética Modernismo e do ato reflexivo por trás do brilhantismo nas relações de Oswald de Andrade e seu manifesto, é com certeza, uma investigação sagaz para com os desdobramentos que o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* trouxe para a badalada década em contexto.

### **Manifesto da Poesia Pau-Brasil - Primeiro Desdobramento**

Oswald de Andrade começa o manifesto defendendo uma escrita que falasse das coisas que rodeassem a todos, que falasse do cotidiano, do que estava ligado em sua gênese ao Brasil e seus nativos. Não é à toa que ele inicia o texto declamando: “A POESIA existe nos fatos” (ANDRADE, 1978, p. 5). O grande desdobramento prático deste manifesto, com certeza foi a promoção do ato revolucionário de pregar aos conservadores da época o fim dos arcaísmos e da erudição na língua brasileira. Oswald disse: “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos” (ANDRADE, 1978, p. 6). Muito mais do que uma busca por uma língua nacional, por uma linguagem própria ou regionalizada, uma busca por uma identidade; Oswald queria que as novas ideias adentrassem no meio do retrocesso cultural e tomasse, por assim dizer, seu lugar. E que a poesia encontrasse, de fato, sua liberdade. Uma liberdade restringida por uma forma e estética nada flexíveis. Na estética do Parnasianismo, ele critica: “Só não se inventou uma máquina de fazer versos — já havia o poeta parnasiano” (ANDRADE, 1978, p. 7). Oswald queria salvar a poesia da métrica de tal rigidez. Era necessário o abandono para com o academismo. Sim, um mergulho, um adentramento na natureza brasileira, um encontro com sua identidade, uma nova conexão com o nativo. Era preciso embriagar-se com novas estéticas, com o falar cotidiano, com o povo. Mais do que isso, era essencial uma ruptura, uma quebra com o passado. De fato, um grande e importante passo para a época. Desembocando-se, desdobrando-se em uma grande orgia intelectual, uma grande revolução.

Oswald desperta nos literários do período a percepção de que “a reconstrução da poesia e da cultura, na perspectiva decorrente da sensibilidade reajustada à nova escala do mundo moderno, far-se-á da estaca zero [...] sem as lentes doutorais que deformam, sem o *partis pris* dos hábitos da camada intelectual, — do modo brasileiro de ser e de falar” (ANDRADE, 1978, p. 23). O *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* foi um marco na literatura Modernista e provocava nos artistas um misto com relação a forma de fazer poesia. E é justamente nesse

ato de provocação que Oswald demonstrou bem como se dava o ideal da Poesia Pau-Brasil:

O ideal do Manifesto da Poesia Pau-Brasil é conciliar a cultura nativa e a cultura intelectual renovada, a floresta com a escola num composto híbrido que ratificaria a miscigenação étnica do povo brasileiro, e que ajustasse, num balanço espontâneo da própria história, "o melhor de nossa tradição lírica" com "o melhor de nossa demonstração moderna". (ANDRADE, 1978, p. 23, grifo do autor).

O hibridismo descrito aqui, seria o que tende a significar o próprio sentido da palavra, o de uma resultante mistura da pluralidade de nossas facetas identitárias e o novo, o moderno que despontava no horizonte do século XX, levando em consideração a centralização no debate de como toda essa questão da problemática da mestiçagem aparece nos estudos traduzidos no texto literário. Ou seja, o objetivo era realmente de conciliar ou acordar com ambas as partes dessas teorias literárias, a tradição nativa da nossa cultura e a renovação intelectual que se apresentava. Nesse sentido, a visão modernista da poesia Pau-Brasil dada por Andrade, registra como configuração temática e construtiva as seguintes formulações:

os tópicos do exotismo, tais como o ócio, a comunhão fraterna, a sociedade dadivosa, a liberdade sexual e a vida edênica, transformam-se em valores prospectivos, que ligam a originalidade nativa aos componentes mágicos, instintivos e irracionais da existência humana, ao pensamento selvagem portanto, em torno do qual gravitou a tendência primitivista das correntes de vanguarda que Oswald de Andrade assimilou. (ANDRADE, 1978, p. 24).

A temática por trás do que explanava Oswald e seu manifesto estava relacionada a tais pontos elencados na citação, a liberdade sexual (tabu ainda duradouro), as boas dádivas de uma sociedade livre, a comunhão de boa irmandade, bem como o próprio nativismo e suas ligações para com o selvagem ou o primitivista. Sim, a poesia Pau-Brasil, pitoresca, sagaz e caricaturesca, uma feroz poesia genuinamente nacionalista, rompedora de laços e amarras para com a decadente e gélida Europa era tão alvo do desenho quase que arquitetônico de um mestre. Com as composições temáticas explicitadas, buscava-se uma libertação definitiva para com a nefasta influência estrangeira. Assim assimilou Oswald de Andrade.

Ele mesmo, sim, ainda Oswald, despontou na escrita do Manifesto muito mais do que promulgações para uma escrita, ele despertou numa classe acadêmica míope e segregativa uma ponta de desconfiança para com o que acreditavam dogmaticamente como fiel e verdadeiro. Um primeiro passo para a praticabilidade da literatura em um âmbito menos privilegiado e voltado para camadas menos favorecidas. Despertou no cerne da classe artística, a relevância que a cultura, a arte e a literatura têm na vida de qualquer ser humano, independentemente de sua posição ou instrução. O "burguês comunista", juntamente a seu manifesto, abriu

caminhos deveras densos para com o que futuramente veio a se chamar de um movimento ainda mais radical do que o conhecido pela primeira fase do Modernismo. E é esse movimento, essa radicalização, esse desdobramento, que vamos nos debruçar a partir de agora.

### **Manifesto Antropófago – Segundo Desdobramento**

Os “loucos anos 20” já estavam para acabar quando Oswald de Andrade marca mais uma vez o Modernismo brasileiro. Mais precisamente em maio de 1928, ele lança o “*Manifesto Antropófago*” (1928). Com um conteúdo poético bem-humorado e uma linguagem predominantemente composta por metáforas, o manifesto intenta mais uma vez promover uma arte que resgate a cultura primitiva em sua construção. Oswald relaciona como ponto basilar para os caminhos desejados por essa nova arte, a formação cultural do Brasil a partir da mistura entre as civilizações primitivas indígenas e africanas, bem como também com a língua latina e os colonizadores portugueses (PORTO, s./d.). Caetano Veloso explana na obra, *Verdade Tropical*, que o manifesto “desenvolve e explicita a metáfora da devoração. Nós, brasileiros, não deveríamos imitar e sim devorar a informação nova” (VELOSO, 1942, p. 182). Explicação que corrobora com a proposição de sentido e significado do termo que nomeia tal manifesto. Nesse sentido, ele continua: “assimilar sob espécie brasileira a experiência estrangeira e reinventá-la em termos nossos, com qualidades locais iniludíveis que dariam ao produto resultante um caráter autônomo e lhe confeririam” (VELOSO, 1942, p. 182). O Manifesto Antropofágico, como um desdobramento do Manifesto da Poesia Pau-Brasil, se constitui com uma resultante mais radical.

O que fica claro nas colocações de Oswald, é a proposição de certa cautela para com a absorção de aspectos culturais de outras nações. O manifesto não se colocava comopositor à civilização moderna e industrializada (que no fim da década de 20 já se consolidara como uma grande e importante base dos sistemas econômicos mundiais), mas discutia a possibilidade de buscar no primitivismo nativo da nossa gente e de outras culturas, uma separação do que seria valoroso e do que não seria para absorver em nossa literatura. O cuidado era justamente para que não houvesse uma absorção desnecessária e a nossa cultura não virasse um amontoado de fragmentos, uma verdadeira colcha de retalhos (PORTO, s./d.). Nesse desdobramento, a relação entre a Antropofagia e a Tropicália, estabelece-se. Enquanto movimento, a Tropicália se manifestou como um movimento cultural brasileiro surgido na intrínseca relação das influências das correntes artísticas da vanguarda e dos aspectos culturais do pop nacional e estrangeiro, realizando uma espécie de hibridismo para com as manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais da época. Por isso Caetano enfatiza: “A ideia do canibalismo cultural servia-nos aos tropicalistas” (VELOSO, 1942, p. 182). De fato, *Verdade Tropical* sem arroudeio, declara: “há pertinência em notar na Tropicália (na esteira da Antropofagia) uma tendência a tornar o Brasil exótico tanto para turistas quanto para brasileiros” (VELOSO, 1942, p. 185).

O *Manifesto Antropófago* foi um divisor de águas no Modernismo brasileiro, dado que para além de mudar a forma do brasileiro perceber o fluxo de elementos culturais do mundo, também possibilitou colocar, na época em questão, uma

evidência para com uma produção própria, além de principiar a característica identitária brasileira na arte, despertando assim, uma essência tupiniquim no cenário artístico mundial. Com certeza não é difícil perceber a relação presente entre o manifesto e a arte que renasceria nas mediações deste período, conciliando conceitos de patriotismo, primitivismo e culturalização, fazendo com que:

os aforismos do Manifesto Antropófago [...] numa só torrente de imagens e conceitos, a provocação polêmica à proposição teórica, a piada às idéias, a irreverência à intuição histórica, o gracejo à intuição filosófica se mantivesse presente. (ANDRADE, 1978, p. 25).

Os conflitos despertados pelos Manifestos da Poesia Pau-Brasil e Antropofágico despontaram em uma necessidade utópica sem precedentes. Ulisses do Valle, no artigo *A filosofia da história de Oswald de Andrade*, diz: “Oswald tematiza a utopia como forma da experiência humana que reorienta nossa “credulidade” e “imaginação” para o possível, contra a ordem estabelecida” (VALLE, 2017, p. 323). É a partir deste desdobramento, que desembocamos nosso olhar. Rumamos em direção a *Marcha das Utopias*.

### **A Marcha das Utopias – Terceiro Desdobramento**

Um grande apontamento da *Poesia Pau-Brasil*, bem como da *Antropofagia*, foi com certeza, uma mobilização do primitivismo para com o dizer do próprio autor, Oswald de Andrade, de que era preciso acertar os ponteiros da literatura brasileira com o relógio da literatura universal, sendo esse primitivismo, um elemento fundamental do Modernismo brasileiro e da escrita provocado pelo Oswald nas manifestações e expressões artísticas do contexto em questão. O desejo era realmente deixar o atraso de lado e traçar como real necessidade, uma identidade nacional intrínseca à essência da nossa “Pindorama” (LIMA, 2016). Nesse sentido, “A Marcha das Utopias, série de artigos que complementam A Crise da Filosofia Messiânica” (ANDRADE, 1978, p. 49) estabelece, em sua escrita, possibilidades e caminhos para uma utopia além da literatura, uma possibilidade do crer e do imaginar como uma reorientação da experiência do ser humano como profissional, como artista e como produtor de cultura e história. Tanto *A Marcha das Utopias* (1953) quanto *A Crise da Filosofia Messiânica*, no que tange o âmbito das ideias, compartilham uma temática “na direção do futuro, como busca dos sinais da utopia, a Errática dos sinais do matriarcado primitivo” (ANDRADE, 1978, p. 49). É no refletir deste desdobrar, que dá para entender o ponto colocado por Oswald. Discutamos.

No “Manifesto antropófago”, Oswald de Andrade identificava também o primitivismo, no sentido indígena do termo, com o nascimento de uma nova utopia que ressoou na Europa após a descoberta das Américas: “Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem”. (LIMA, 2016, s./p., grifo do autor).

Irrompe na superfície da Antropofagia uma utopia como necessário conhecimento no brasileiro. No sentido mais significativo do termo, nasce um estado ou lugar de completa inteireza, de completa harmonia, que comporta no seu cerne, nas suas gêneses, uma compreensão de que o homem que não é daqui, só se tornou homem exatamente por o que encontrou aqui, referindo-se a estreita relação entre a invasão europeia a América e sua própria constituição de moral, ética e consolidação do ser como indivíduo dotado de direitos e deveres. Lima completa: “O modernista [...] tinha consciência do choque que o contato com os chamados povos primitivos havia produzido na Europa” (LIMA, 2016, s./p.). Oswald de Andrade queria essa consciência na classe artística e seus trabalhos difundidos nas veias da população brasileira, externando-a aos quatro ventos do país, ao máximo que pudesse na disseminação de toda e qualquer forma de cultura e história. Oswald parte desta tese para pensar e provocar.

É por esta razão que Oswald de Andrade infere que, sem nós, não haveria a Declaração dos Direitos do Homem. Para o modernista, a revolução que a descoberta de um homem diverso do europeu causou foi tal, que chegou a modificar toda a concepção ocidental de homem, oferecendo ao mundo uma nova utopia. (LIMA, 2016, s./p.).

Em *A Marcha das Utopias* (1953), ele põe em debate:

todas as Utopias que vinte séculos depois apontam no horizonte do mundo moderno e profundamente o impressionam, são geradas da descoberta da América. O Brasil não fez má figura nas conquistas sociais do Renascimento. [...] E minha fé no Brasil vem da configuração social que ele tomou, modelado pela civilização jesuítica em face do calvinismo áspero e mecânico que produziu o capitalismo da América do Norte. (ANDRADE, 1978, s./p.).

A configuração familiar descoberta em “Pindorama”, serviu de “utopia” de igualdade para a Europa (LIMA, 2016). O desdobramento fecha o ciclo (inicia outros, com certeza) e se une ao que propõe o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924) e o *Manifesto Antropófago* (1928) na *Marcha das Utopias* (1953). Para além da antropofagia defendida por Oswald de Andrade na década de 1920, a grande questão girava em torno de um esforço para a formulação de uma cultura brasileira original, que não se estruturasse nos entremeios de um conceito de identidade reduzido ou simplório, importado, por assim dizer. Buscava-se superar “a decadência de uma cultura que havia expulsado de si tudo aquilo que dissesse respeito ao não idêntico” (LIMA, 2016, s./p.). Os “loucos anos 20” estenderam-se muito mais do que o período de uma década normal. Foram além e em sua multiplicidade cultural, artística, literária e social, se constituiu como um marco do desenvolvimento para além da modernidade e da indústria, mas sobre ainda o estabelecimento de uma consciência que perdurou e moldou a forma de fazer e viver este período e os que sucederam. O Modernismo se fez necessário, Oswald e seus manifestos se fazem necessários.

## Considerações Finais

Neste artigo tratou-se primeiramente de contextualizar a Semana de Arte Moderna e o Movimento Modernista, analisando seus conteúdos históricos, autores, obras e características. A partir disso foi possível evidenciar o legado para o paradigma artístico do Brasil na década de 20 e os seus desdobramentos. Além disso, foi possível também compreender as condições as quais foram responsáveis pela revolução na história da literatura brasileira que perdura até hoje. Logo mais, demos ênfase a estética Pau-Brasil, expondo o primeiro Manifesto que possuía o propósito de valorizar a cultura e a arte brasileira. Este Manifesto possui assim uma grande notoriedade, pois de certa forma contribuiu para o sentimento nacionalista que existe hoje em dia nos brasileiros. Em seguida, há uma breve exposição da biografia de Oswald de Andrade, em que se mostra quais suas influências para a produção da estética Pau-Brasil, conseguindo abranger sua relação mais introspectiva com o sentimento de uma nova arte brasileira. Depois, na abordagem do Manifesto Antropófago, vê-se claramente sua relação de influência ao Tropicalismo no sentido de mesclar elementos estrangeiros e brasileiros, o que resulta em uma grande produção cultural e musical brasileira. Logo após, na análise da *Marcha das Utopias*, mostra-se novamente a importância do Primitivismo, do resgate às tradições e valores culturais do Brasil. Esta análise expõe a necessidade de se ater à herança cultural, de se valorizar o país e partir em busca de um futuro artístico brasileiro e autêntico. Ao refletir ao fim a relação do Manifesto Antropófago, o Tropicalismo e a Marcha das Utopias com sua maior influência que foi o Manifesto Pau-Brasil, viu-se que estes Movimentos foram imprescindíveis para a formação cultural contemporânea, para a ascensão de uma identidade genuinamente brasileira, como almejava Oswald. Através de seus ideais, suas músicas, seus textos, suas poesias, houve uma mudança radical do paradigma artístico com inovações, surpresas. Foram catalisadores e partes fundamentais de um momento de criatividade e aceitação digno da grandeza do país que Oswald de Andrade tanto admirava.

---

## Referências

---

- ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas VI Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias: Manifestos, teses de concursos e ensaios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976. p. 1.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CUNHA, Valdeci da Silva. *Oswald de Andrade: da “deglutição antropofágica” à “revolução comunista” (1923-1937)*. 2012. 156 f. Dissertação (Pós-graduação em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- LIMA, B. D. T. de C. Eles devoraram tudo: primitivismo, barbárie e as vanguardas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 64, p. 296-309, 2016.

NATIONAL GEOGRAPHIC. *Os loucos anos 20: 100 anos depois*. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.natgeo.pt/historia/2020/01/os-loucos-anos-20-100-anos-depois/amp>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A reinvenção solidária e participativa do Estado. *Oficina do CES*, Coimbra, n. 134, p. 1-54, 1999.

SANTOS, Paula Cristina Guidelli do; SOUZA, Adalberto de Oliveira. As vanguardas européias e o modernismo brasileiro e as correspondências entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3, 2007, Maringá. *Anais [...]*. Maringá: UEM, 2009. p. 789-798.

TV CULTURA. Semana de Arte Moderna. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=LdO\\_ebONK9I](https://www.youtube.com/watch?v=LdO_ebONK9I). Acesso em: 10 abr. 2021.

VALLE, Ulisses do. A Filosofia da História de Oswald de Andrade. *Remate de Males*, Campinas, v. 37, n. 1, p. 323-344, 2017.

VELOSO, Caetano, 1942. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

---

## Para citar este artigo

---

MELO, Alice Emanuelle; INÁCIO JÚNIOR, José; TABOSA, Leila Maria; SILVA, Walkderson Pereira. Oswald de Andrade para além dos anos 20: do manifesto da poesia pau-brasil à marcha das utopias. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 345-360, jan.-abr. 2022.

---

## Os autores

---

**Alice Emanuelle Melo** é aluna do curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7748-1979>.

**José Inácio Júnior** é aluno do curso de Letras – Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES. Membro ativo no projeto pesquisa de fluxo contínuo em Análise do Discurso. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6836-4375>.

**Leila Maria Tabosa** é professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, departamento de Letras Vernáculas, possui graduação (Licenciatura plena) em Letras – Língua portuguesa e literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2006) e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (área de concentração Literatura comparada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2009). cursou doutorado pleno pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (área

de concentração Literatura comparada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014), com doutorado e pesquisa de campo no exterior (PDSE), na Universidad Nacional Autónoma de México (2013), Cidade do México-DF. A professora doutora é pesquisadora do Grupo de Pesquisa Ponte Literária Hispano-brasileira e possui experiência na área de tradução em língua espanhola, com ênfase na obra de Sor Juana Inés de la Cruz. A docente, que também é roteirista de teatro e curadora de artes plásticas, coordena o projeto artístico de artes cênicas e artes plásticas "FALA, BARROCO: ENTRE A LITERATURA E O ESPETÁCULO"; é pesquisadora do GET (Grupo de Estudos de Tradução) – UERN, Linha de Pesquisa de Tradução e é, ainda, pesquisadora do GELINTER – Grupo de Estudos de Literatura e de suas interfaces críticas. A professora Doutora possui Pós-Doutorado, em Literatura e Teatro, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6636-0282>.

**Walkderson Pereira Silva** é aluno do curso de Letras – Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2331-1330>.